S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 13 de abril de 1912 — ANNO XI — NUMERO 134

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

A NOSSA SEXTA-FEIRA RUBRA

A sessão de propaganda do dia da paixão teve um bello successo

Foi além de nossa espectativa o successo da sessão de propaganda do livre-pensamento por nós organizada para a sexta-feira santa, o dia da commemoração maxima da Igreja Catholica.

Apesar da reunião ter sido decidida bastante tarde, não permittindo que o boletim convocatorio fosse distribuido devidamente, á hora marcada o espaçoso Salão Celso Garcia já estava inteiramente repleto de povo que, não se importando com o pessimo tempo daquelle dia, acorreu pressuroso para prestar o concurso da sua presença e do seu applauso enthusiastico aos principios de emancipação humana ali largamente defendidos por Alexandre Cerchiai, professor Saturnino Barbosa e Orestes Ristori.

Foi uma excellente jornada de propaganda que em todos despertou enthusiasmo, animando-nos a proseguir incessantemente na nossa luta em prol da causa da Justiça e da Verdade, pela qual nos batemos.

Difficil seria resumir sufficientemente no limitado espaço de que dispomos o largo cabedal de ideias grandiosas, o encantador estendal de principios alevantados naquelle salão espendidos com clareza e com valor sustentados.

Tivemos naquelle dia, bem ao vivo, se bem que em miniatura relativa, a perspectiva da grande, da colossal batalha final na luta entre as duas forças que se debatem na Humanidade: o Passado, nos estertores da agonia derradeira, e o Futuro, cheio de vida e de felicidades.

Pelas altas janellas do Celso Garcia, abertas de par em par, recebendo o bafejo da brisa fresca e pura, avistava-se ali, a pouca distancia, o casarão antigo da igreja do Carmo, agora elevada á categoria de Cathedral, com a sua larga porta escancarada a recolher morosamente uma multidão de vultos negros, taciturnos, que p'r'ali entravam com a attitude do condemnado sem perdão.

Quando lá uma multidão mesclada de poderosos argentarios que nas suas fabricas fazem trabalhar em revoltantes condições, durante quatorze a dezeseis horas, pobres crianças até de oito annos e cá fóra se trombeteiam philantropicos e crentes, indo esmurrar o peito na igreja; de hypocritas convencionalistas que se pretendem livres dos preconceitos religiosos e se sujeitam ao padre por baixos interesses; de fracos de espiritos que não têm a necessaria energia para livrar a sua consciencia da escravidão das decahidas crenças; de velhos vencidos pela senilidade precoce e de moços em busca de namoricos; quando lá, á luz dos sacros candelabros, essa multidão de interesses e sentimentos chocantes, com hypocrita consternação, com fingida tristeza cantava em psalmos doentios o que já lá vai de tedio e mofo; quando lá se lembrava o passado de negra historia, cá do outro lado, ante a luz plena do dia, uma multidão fremente, de corações abertos a todas as dores humanas e a todos os sentimentos ennobrecedores de solidariedade, igualdade e justiça, de conscientes bafejados pelos principios de vida e de amor, applaudia com ancia, acclamava com frenesi o Ideal com o qual os homens hão de um dia, que não está longe, implantar no mundo o paraizo promettido para depois da morte, vivendo então todos felizes, gosando de tudo que na vida se póde fruir, irmanados numa só e universal familia cujo laço de união será a solidariedade.

Lá se chorava o Passado — que é a Morte; aqui se cantava o Futuro — que é a Vida.

Bella sessão de propaganda!

O primeiro a falar foi Alexandre Cerchiai, que deu uma carga cerrada contra todas as instituições que sustêm o actual estado de coisas.

Atacou o catholicismo e o clericalismo que o defende e delle vive, assim como todas as religiões embrutecedoras da humanidade; descreveu com côres vivas a vida da classe trabalhadora, principal victima das crenças religiosas que a submettem ao jugo dos dominadores; combateu tambem a guerra, com a qual o povo é o unico sacrificado em holocausto á ambição dos exploradores.

Cerchiai terminou por entre applausos incitando o proletariado á luta contra todos os elementos que o escravizam.

Edgard Leuenroth participou depois a ausencia de Benjamin Mota, convidando a fazer uso da palavra o professor Saturnino Barbosa, que se achava presente.

O nosso collaborador acceitou o convite, produzindo um bello improviso, cheio das ideias novas que elle tem, com louvavel independencia, defendido em seus ultimos livros.

Após o professor Saturnino Barbosa, que foi bastante applaudido, tomou a palavra o companheiro Orestes Ristori, que estava num dos seus dias felizes, desenvolvendo o thema da sua conferencia com extraordinario calor, provocando verdadeiras ovações da compacta assistencia, que rompeu em acclamações quando elle descreveu os soffrimentos do povo italiano sacrificado na guerra.

Sessões como esta deveriam repetir-se amiudadamente.

HOSTIAS AMARGAS

> *A religião é necessaria á sociedade.* O bem publico e a desordem social. Necessidade da religião na vida publica e na vida politica.
>
> —
>
> *A religião é necessaria principalmente á nossa época.* A religião realiza as grandes aspirações da nossa época. A verdade para a intelligencia, a felicidade para a vontade, a democracia para a sociedade.
>
> (Themas da 8.ª e 9.ª conferencias quaresmaes de d. Sebastião Leme, bispo coadjuctor do Rio de Janeiro).

Para o bispo conferencista, o catholicismo é indispensavel á sociedade, principalmente na nossa época.

D. Sebastião Leme não soube ou, muito de industria, não quiz exprimir bem o seu pensamento.

E'-lhe intenção significar que o poder do clericalismo baixa de dia para dia e que está no interesse mesmo dos padres procurar bestificar, o mais possivel, o povo, entretendo-o com as praticas infantis e supersticiosas do culto catholico, de modo a subtrahi-lo assim ao influxo do espirito revolucionario, que caracteriza o actual periodo da historia da humanidade.

«Les dieux s'en vont»... O homem não quer mais saber de dedicar toda uma existencia, que tão proveitosa póde ser á sua especie, ao culto de entidades imaginarias, de seres mythologicos, cuja concepção criou os maiores entraves ao evoluir da sociedade.

Hoje, todos os espiritos superiores são accordes em admittir que a moral pode perfeitamente prescindir de Deus e de rei e a sociologia já conseguiu enunciar a grande lei, que rege o desenvolvimento intellectual tanto no individuo humano, como da especie humana nas suas diversas raças componentes.

Uma vez reconhecido que o progredir intellectual e moral de um povo qualquer é um facto natural e inevitavel, desde que não se faça sentir a acção de elemento algum perturbador e não uma graça de Deus, um favor do céo, como outr'ora se acreditava, a consequencia logica é que toda e qualquer religião espiritualista é um obstaculo a esse progredir, em razão de emprestar aos seus dogmas um caracter de verdade absoluta e de immutabilidade permanente.

Todos os religiosos se suppõem de posse da verdade por excellencia.

Todos elles, se possivel lhes fosse, mandariam incinerar, em pyras immensas, como immenso é o fanatismo dos seus crentes, todas as obras scientificas, artisticas e literarias, nas quaes se encontrasse uma unica expressão que pudesse significar contradicção aos seus ensinamentos e ás suas regras.

Accresce, ainda, outra circumstancia.

O catholicismo, mais que outra qualquer religião theista, disse Augusto Comte, desde que entrou em decomposição espontanea logo após a dissolução do regimen feudal, converteu-se em arma de oppressão do forte contra o fraco.

Tendo a intuição de que já se não apoiava mais no espirito publico, que o scepticismo ia, pouco a pouco, avassalando, a ponto de se conformarem as nações christãs com a permanencia do tumulo de Jesus Christo em poder dos musulmanos, o catholicismo, desde então, apenas tem tratado de... viver, encostando-se ao braço secular, em todos os paizes, invocando-lhe o auxilio em seu beneficio e promettendo-lhe, em retorno, dispensar-lhe o pouco que ainda lhe restava de prestigio espiritual.

Dahi resultou uma alliança intima entre a Igreja e os potentados para se ajudarem mutuamente, no sentido de abafarem as aspirações populares, que a ambos deveriam tornar-se summamente incommodas.

Os Estados, ou melhor, os potentados, que vivem como parasitas, da seiva que haurem ao proletariado, dispuzeram-se a custear o sustento material da religião, que aconselhava aos fortes um pouco de bondade para com os humildes e a estes muita obediencia, muita veneração, muito acatamento para com todo e qualquer representante do poder publico, porque... «omnis potestas a Deo»..., todo o individuo, tendo uma parcellazinha de autoridade, representa o proprio Deus — di-lo a Igreja.

Oh! Que theoria commoda, vantajosa, magnifica, para quantos viviam da imbecilidade, da ignorancia em que gemia o proletariado moderno!

Mas os tempos não são como os dogmas da religião: elles se transformam e operam uma reviravolta completa no sentir humano.

Soou para o proletariado a hora augusta das reivindicações e é a esse facto que d. Sebastião Leme qualifica de — *desordem social.*

O operario não mais quer ser a besta de carga que até agora tem sido.

Elle dispensa, de bom grado, o céo, o paraizo, com que lhe acenam as religiões espiritualistas, a troco de uma subserviencia e de uma humilhação que sabe serem incompativeis com a dignidade humana.

O operario está prompto a continuar a trabalhar, sob a condição expressa, porém, de não ser considerado um escravo, de que o seu patrão não gose de privilegios sociaes, de que não se lhe exija um esforço superior á sua capacidade muscular e, principalmente, de que os seus serviços sejam remunerados de modo a que elle e quantos lhe são caros gosem na vida a somma de conforto a que têm o mais absoluto direito.

A concepção que o operario faz, hoje em dia, da sua posição social, differe visceralmente das theorias, que lhes prégara a Igreja e, segundo as quaes, a somma de felicidades que na outra vida elle fruiria, estaria na razão directa dos seus soffrimentos, amarguras e privações nesta vida.

Ah! E o que o proletario moderno não admitte... Elle quer, elle exige a sua quota parte de gosos na unica existencia que elle sabe ser certa.

E é a isso que d. Sebastião Leme chama — *desordem social!*...

E' muito facil a um prégador alambicado saltar do seu automovel á porta de uma cathedral; penetrar no templo todo embalsamado de nuvens de incenso; ouvir uma melodia qualquer, terna e dolente, dessas que nos fazem amollecer as fibras do coração; subir á tribuna oratoria ostentando no peito uma cruz de ouro toda cravejada de pedrarias e ao dedo um anel com enorme amethysta; esbravejar contra aquelles que, a essa hora, no interior das minas de hulha ou em officinas infectas e malsãs, consomem o seu organismo para fazerem jus a um pedaço de pão e depois... recolher-se á sacristia, para refrescar a garganta com um calix de *chartreuse* ou anisette, e ali receber os applausos dos que foram admirar-lhe a facundia e a todos, a todos indistinctamente, dar a beijar a pedra do anel que, afinal de contas, deve acabar por se converter em um viveiro dos microbios pathogenicos e saprophytas de tantas centenas e centenas de boccas...

—

O bispo d. Sebastião disse que «a religião realiza a verdade para a intelligencia, a felicidade para a vontade e a democracia para a sociedade».

A verdade para a intelligencia? Como? perguntamos nós.

Propondo ao intellecto humano o — «Credo, quia absurdum»..., apontando ao crente o exemplo de Busset, que, em relação aos mais inconcebiveis e absurdos mysterios, declamava: — *Razão humana, cala-te!* e antepondo aos olhos de todos o espectro do *Syllabus*, perante o qual força é que o catholico se curve, sob pena de excommunhão maior...

Bellissimo modo esse de proporcionar á intelligencia a verdade, tolhendo-lhe o uso da operação mental de mais elevada categoria, que é o raciocinio...

E a felicidade para a vontade? Como póde proporciona-la a religião?

Mas é simplicissimo: supprimindo aos homens a vontade e tornando-os uns automatos nas mãos dos padres...

Para os ascetas, para os mysticos, a suprema felicidade consiste em obedecer cegamente, isto é, em não ter vontade...

Eis como a Igreja conta dar muita felicidade á vontade humana...

Agora, a democracia para a sociedade. A Igreja, diz d. Sebastião Leme, póde democratizar a sociedade.

Querem saber de que modo? Estabelecendo classes baseadas na fortuna, no nascimento e na situação social.

Quem ignora que a Igreja mantém irmandades, das quaes algumas são tão sómente para individuos brancos, outras para mestiços e finalmente outras para os pretos!

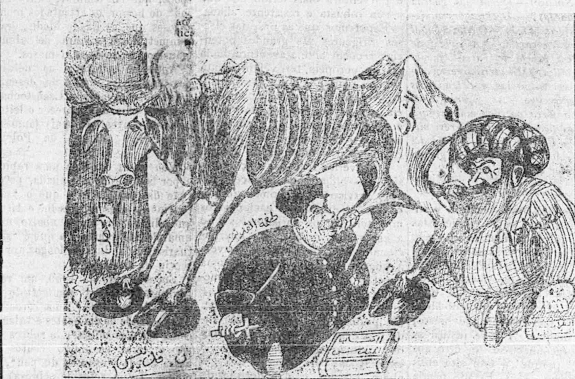
Quem é que não sabe que ella considera os individuos de côr inferiores aos brancos, porque, segundo uma lenda da Biblia, elle descende de um pobre rapaz que teve a desdita de metter á bulha o seu pai, que dormia, cozinhando a mais tremenda *mona* jámais registada em livro sagrado?

E por isso, ella considera participantes da maldição lançada a tal filho por tal pai os descendentes daquelle, os quaes, por esse motivo, têm a desdita de apresentar a pelle carregada de pigmento negro e são considerados incapazes, indignos de envergar um habito ou uma opa de certas e determinadas confrarias.

Ah! Como é democratizante a Igreja Catholica, Apostolica e Romana...

Para o proximo domingo, os nossos commentos sobre o thema da ultima conferencia quaresmal de d. Sebastião Leme.

Ignoto.



O povo, amarrado ao mourão da ignorancia, é a eterna victima dos padres, sejam elles catholicos, musulmanos ou outros quaesquer. A biblia ou o alkorão são apenas os instrumentos da sua dominação.

(Da "Aurora", jornal syrio do Rio).

Carolismo habitual e inveterado — cura-se com a divulgação da Lanterna.

A's fogueiras!

Lanterneiros, meus irmãos, estamos fritos!

Pio X, por graça de Deus, acaba de decretar para esta parte dos dominios da Igreja Catholica a extirpação da heresia. Foi portador do breve apostolico o Nuncio de S. Santidade, aqui chegado ha pouco de Roma.

Está investido do cargo de inquisidor-mór, como fôra Thomaz de Torquemada em Castella, s. eminencia o sr. cardeal.

Já foi instituida a Milicia de Christo, cujo chefe, um chamado Belisario, está tratando de organizar, com o maior cuidado, o primeiro Auto de Fé.

O *quemadero* será levantado no largo da Gloria. Haverá bem em frente tribunas especiaes para os principaes personagens da cidade. A mais alta será occupada pelo inquisidor-mór, uma mais baixa pelo chefe do poder temporal (governo) e outras mais baixas ainda, conforme a hierarchia, destinadas aos demais dignitarios dos dois poderes.

A' cerimonia assistirão tambem, em lugares previamente designados, para que tudo corra na melhor ordem, a clerezia, ordens sacras maiores e menores, instituições militares e civis, a burguezia e mais o resto.

O acto revestir-se-á de grande imponencia, ao que propalam, porque será queimado — nota sensacional deste primeiro Auto de Fé — um ex-senador da Republica (talvez mesmo dois) que muito tem dado que falar de si por causa de umas cartas impias e impertinentes que têm apparecido na imprensa.

A chefatura de policia passará a chamar-se Palacio da Inquisição, para onde serão levados todos os convencidos ou suspeitos de heresia. As camaras de tortura acham-se todas providas dos petrechos indispensaveis aos in-

CAUTERIOS

LXII

O' velha egreja, ó porca prostituta
Nas orgias dos seculos mirrada,
Quem o teu seio putrido perscruta,
Quem vê teu corpo, velha deboxada,

Através da razão clara e potente,
— Raio X que devassa o embuste, o escuro —
Vê quanto és miseravel, repellente,
Que és de ossos pôdres fetido monturo.

Ainda estás de fé, ainda te estorces
No can-can, no prazer, nas bacchanaes,
Mas no teu corpo, em lubricos entorses,
Banqueteiam os vermes sepulcraes.

Apodreces de pé. Vaes-te tornando,
A pouco e pouco, em sanie, em podridão.
Os tempos actuaes vão-te arrastando
Para o festim da decomposição...

E's um phantasma, és negro pesadello,
Que traz o mundo tremulo e anciado,
Mas não tarda que um tragico atropelo
Venha deixal-o livre, despertado!

E's a imagem mais vivida da morte,
Do que é negro e letal, do que é nojento.
Dizes que o bem é o mal, dizes que é sorte
Humana a eterna dor e o soffrimento!

Da vida fazes pois um crime horrivel,
Só tu querendo a vida desfructar;
Fazes da liberdade um impossivel,
Só tu querendo os povos dominar.

A mortalha feral que te reveste,
Feita de hypocrisia e de impostura,
Faz do infinito a sombra dum cypreste,
Faz da terra medonha sepultura.

O luto, a treva, a mendiguez espalhas,
Com purpuras, com cirios e brazões.
Enches a terra toda de metralhas,
Disfarçadas em bullas e orações.

Por isso eu te desprezo e execro e odeio,
Egreja sensual, torpe e nefasta;
Por isso é que eu combato, é que eu anceio
Pela extincção da tua vida gasta.

Felizmente o teu fim está bem perto,
Para paz, alegria e bem da vida:
Já á roda de ti faz-se o deserto,
Hasde morrer de tedio, ó corrompida!

Beato da Silva

terrogatorios, nada faltando: fogareiros, tenazes, cavalletes, foles, polias para suspensão, rodas, chicotes, etc., etc.

O corpo especial de torturadores tambem já se acha organizado e funccionando, — os exames prévios têm dado os melhores resultados. Os familiares terão por encargo especial visitar os domicilios particulares, associações, sobretudo as operarias, theatros, casas de negocio, especialmente as livrarias, etc. As mulheres formarão um corpo aparte de informações sob as ordens duma conhecida irmã.

Ouviram vocês?

— Qual o que, conheço as tuas facecias. Onde está a prova disso? perguntou-me o J. Martins.

— A prova?! Para começar, lê estes pedacinhos do *Correio da Manhã*: «O bacharel Pio, etc., entendeu que a representação de *Judeu Errante* constitue *crime* do calumnia (!!) contra a Companhia de Jesus, etc.» E mais este: «Esse pobre moço chegou a mandar supprimir o papel de capellão da *Morgadinha de Val Flor*.» E mais ainda este: «O proprio sr. Belisario Tavora, etc., etc., prohibiu arbitrariamente o apparecimento de padres em scena, allegando o pretexto parvoalho de que taes exhibições constituem *uma profanação dos symbolos religiosos!*»

Ah! meu velho, tu pensas então que ainda has de dar a lingua por muito tempo, como fizeste quinta-feira santa, na Liga, diante daquella sala cheia? Olha, já vejo o teu orgam falante de tecelão faminto um palmo fóra da bocca com um punhal espetado bem no meio... e, depois, tu vestido com o *San Benito*, a dextra pregada ao poste, mais alto que a tua cabeça, e a sinistra empunhando a tocha de cinco palmos, fazendo companhia aos outros na festa do queima herejes, podes contar.

— Não crês? Espera mais um pouco e verás.

— Mas se eu for, tu tambem irás.

— E' provavel. Consta mesmo que estou ha muito na lista do Faustino, como tu e os outros da *Lanterna*. Aqui no Rio já andamos vigiados. Não te lembras daquelles tres companheiros que não ha muito passaram pela tortura — o França, o Candido e o Rodrigues?

Olha que elles ainda se lembram do samba! Os camaradas sairam de lá derreados, bambos da dança. Foi um sarilho dos diabos: sopapos, ponta-pés, sôcos, unhadas que era gosto ver, — por pouco que a madeira não entra em scena!

— Estás a gracejar e vejo que o caso é serio.

— Pensei que ainda estavas no... mundo da lua. Trata de te converteres ou de engulires a lingua, emquanto é tempo ainda, senão...

— Torrados, não é?

— Tu o disseste.

Adrecal.

Rio, 7 — 4 — 912.

O bispo e o jesuita

Segundo conta o *Matin*, deu-se ha tempos uma divergencia entre o bispo Chapon, de Nice, e o jesuita Barbier, director da revista *Critique du Liberalisme*. O jesuita ataca tudo e todos que directa ou indirectamente lhe cheirem a liberalismo ou a modernismo, sejam elles padres, bispos ou seculares, tenham elles muito embora dado já evidentes provas da sua orthodoxia. Nem o proprio conde de Mun, mais catholico do que a propria igreja e mais papista do que o proprio papa, escapou ás furias da jesuitica revista. Agora foi uma das escolas religiosas chamadas *livres*, da diocese de Nice, que mereceu a virulencia dos ataques do jesuita. O bispo tomando partido pela escola contra o padre, fulminou este com uma condemnação em fórma, que julgou superior aos raios de Jupiter. Ora dá-se que Roma não foi da mesma opinião do bispo, pois o papa negro manda mais do que o branco. A congregação do Consistorio, a quem o jesuita recorreu, deu-lhe razão contra o prelado, fazendo saber a este que a sua sentença deve considerar-se como não proferida, visto, diz a decisão congreganista, já não pertencer o padre Barbier á diocese de Nice. E o bispo teve de conformar-se com esta exautoração. E digam lá que os lobos se não devoram uns aos outros...



Justiça homopatica — Abertura da Casa Sindical — Quem nos guarda dos guardas? — Declarações ministeriais de sensação — O bolo colonial não será repartido — A panela de ferro e a panela de barro: fabula diplomatica — Militarismo certo, despesas certissimimas e calamidades em perspectiva — As esperanças de paz e a fôrça pacífica mais segura — Uma lição da actual greve mineira — Utopias ontem, realidades hoje — A greve geral e a guerra — O valor da greve geral.

LISBOA, 17 DE MARÇO

Confessado que nenhum vestígio de acôrdo entre sindicalistas e monarquicos foi encontrado, nem poderia achar-se, extinctos os tribunais militares especiais, antes que funcionassem, foram agora restituidas as chaves da Casa Sindical. Só falta pôr em liberdade o meio cento de presos, ainda detidos. Faz-se justiça às doses, reconhece-se o êrro aos poucos, porque a tam alta entidade como é o Estado ficaria mal penitenciar-se de golpe e francamente. Seria o desprestigio. A autoridade tem sempre razão: ainda quando deveria suplicar o perdão e o olvido, faz o gesto de perdoar e esquecer...

Os operários é que decididamente perderam a confiança nos representantes da autoridade, «guardas da ordem e da propriedade». A Casa Sindical esteve sempre guardada pela fôrça pública: deviam pois os operarios estar seguros de ali tornar a ver tudo o que deixaram e como o deixaram. Não, senhores: quiseram tomar conta de tudo em presença de dois agentes da autoridade e outras testemunhas. E não se enganaram. Desordem completa, papeis espálhados, portas e gavetas arrombadas — tais são as marcas das diligências policiais efectuadas. Mais: faltam livros, o dinheiro das gavetas das associações operarias voou, volatilizaram-se as bebidas do bufete...

Isto afinal pouco importará à imprensa política, que só esmiuçaria, deturparia e exageraria os factos, se os pudesse atribuir aos grevistas. Nem é provavel que os sindicalistas se vejam apoiados no pedido de indemnização que êles anunciam.

Demais os políticos teem muito com que se entreter: já não digo os boatos de proxima incursão do Couceiro, o castigo de mais algum bispo, a chegada, amanhã, do dr. Afonso Costa, as profecias de crise politica — mas sobretudo as declarações ministeriais sobre a segurança das colonias portuguesas e a aliança anglo-lusa.

Dizia-se existir entre a Inglaterra e a Alemanha um tratado celebrado em 1898 para a partilha oportuna das colonias portuguesas. Que não é verdade e que este desmentido é autorizado pelos gabinetes de Londres e de Berlim. E vai d'aí, grande regozijo entre os patriotas, para quem, segundo parece, as «nossas» colonias são tam necessarias como o pão para a boca.

Quanto à famosa e singular aliança entre a panela de ferro britanica e a panela de barro lusitana é antiga e solida e, ao que parece, obriga as duas partes a prestarem-se mutuo auxílio em caso de contenda, se a ajuda for reclamada. Por isso Portugal, para não ser tido pela sua colossal aliada como quantidade desdenhavel, deve cuidar das suas fôrças, aumentar o seu poder militar, fortificar as suas possessões... E' a estrada larga do militarismo para uma nação que, como se está vendo, é uma grande potencia e pode afoitamente meter-se em altas empresas guerreiras...

Tudo por amor às «gloriosas tradições» e ao «ainda vasto imperio colonial», que agora serve sobretudo para ser explorado... pelos capitais estranjeiros. As democracias são na verdade pacíficas, como diz um cliché sabido!

Se um dia estalar o conflito, que muitos julgam inevitavel, entre as duas poderosas rivais na indústria e no negócio, Inglaterra e Alemanha, e se áquela aprouver, por exemplo, servir-se dos portos portugueses como bases navais, lá teremos o pequeno Portugal arrastado na voragem e porventura mais ferido do que a sua robusta e resistente aliada.

Esperemos que as proprias classes dirigentes das grandes potencias recuem ante a aventura duma guerra europeia, terrivel incognita sob o ponto de vista tanto militar como economico, como social; mas esperemos sobretudo no esfôrço organizado e consciente dos trabalhadores, os maiores e verdadeiros inimigos da guerra.

O govêrno real das nações reside nas oligarquias financeiras, a cujo serviço estão, como simples comissões executivas nacionais, os ministerios e os parlamentos. Se a essas oligarquias, aliás internacionalmente entrelaçadas, convêm a guerra, a guerra faz-se: é uma questão de pesarem mais ou menos estes ou aqueles interesses, e uma questão de oportunidade. Ha poderosas indústrias (sobretudo as metalurgicas) que vivem dos armamentos, das guerras e expedições; ha classes que ganham mesmo com a derrota da «patria» e até fornecem capitais e armas ao inimigo. Demais, o actual regime industrial necessita à exportação (isto quando na patria o consumo não foi satisfeito integralmente, por faltar à maioria uma suficiente capacidade de aquisição!), necessita a expansão colonial, a conquista de mercados — perene fonte de disputas.

Só o trabalhador perde sempre com as guerras — física, economica e moralmente.

Saberá êle impedi-las?

Vejamos a actual grande greve mineira, absolutamente geral na Inglaterra, com caracter violento e tendencia à extensão na Alemanha, onde ha dois dias havia já cêrca de 300 mil grevistas, com eco em França, onde rebentou uma curta greve de ensaio e aviso.

Não ha muito que tal movimento simultaneo era considerado utópico. Impossivel também ser feito para abolir o salario por tarefa, que os proprios operarios preferiam. Pois a greve geral com tal escopo é um facto positivo. Ha pouco, chegavam os patrões hulheiros a provar greves, ou não as receavam, porque tinham grandes *stocks* e queriam vendê-los a bom preço. Mas desta vez os operarios dos transportes declararam que, por solidariedade, não mexeriam nos *stocks* de carvão. Este acôrdo era utopia: é hoje realidade,

E sabem o que, para uma guerra, seria uma greve nas minas e transportes? A immobilização das esquadras e dos exercicitos. Porque não hão de realizar esse acôrdo e esse escôpo os trabalhadores, tam profundamente feridos pela guerra nos seus interesses vitais?

Se a guerra italo-turca não tivesse sido um golpe imprevisto e de surpresa, se não tivesse parecido uma aventura pouco grave, se o proletariado italiano tivesse podido evita-la — não se sentiria agora na Italia o peso das consequencias, não haveria uma terrivel reacção politica, não seria necessario o penoso movimento de protesto que se inicia, nem o gesto de Antonio Dalba.

A greve geral ataca directamente o verdadeiro poder da sociedade capitalista, o fautor real das guerras — a oligarquia financeira e economica, — tem a virtude educativa dos esforços colectivos, que dispensam os messias, e atinge o alvo eficazmente.

Neno Vasco.



A escola "com" Deus

Durante a lição de catecismo, na igreja de Druillat (Ain), Luciano Gillet, de 12 annos, puxou duma pistola carregada com bala, visou Germana Renault, sobrinha do cura, e desfechou. A bala attingiu na cabeça a pequena, que morreu logo. (Telegramma de 6 de fevereiro, no *Journal*).

Nenhum alumno de Ferrer fez o mesmo..

O convento do crime

Como nos tempos da Idade Media

Na Polonia russa, diante do tribunal de Tetrikow, desenrola-se agora o processo dos monges de Czenstochau, causa crime de uma importancia sem precedente na nossa época, que faz lembrar, num "frisson" de horror, os attentados monstruosos que, na Edade-Media, eram commettidos á sombra de alguns claustros tristemente famosos.

Antes de entrarmos no detalhe dos escandalos sem nome desenrolados no convento de Czenstochau, digamos, afim de esclarecer o leitor, que esse convento é o mais famoso... "santuario" religioso da Polonia russa.

Vou agora dar-lhes uma rapida, e por isso mesmo attenuada, percepção das santidades a que o "santuario" — conservemos-lhe o titulo que, diante dos factos abaixo, é de uma picante ironia — a que o "santuario", dizia, durante longos annos, serviu de theatro.

Em setembro de 1909, um roubo sensacional era commettido na egreja do mosteiro: uma coroa de ouro, ornada de diamantes e valendo cerca de dois milhões de rubros — isto é, cerca de 3.000 contos da nossa moeda ("excusez du peu", os monges fazem votos de pobreza) — desapparecera de sobre a cabeça de uma estatua da virgem que ella ornava.

Immediatamente, correu o boato de que o sacrilego roubo fôra commettido por um religioso do convento encarregado da conservação da egreja. Era uma singular maneira de "conservar", mas elle lá a entendia ao seu modo.



O padre Damazy Mazoch

Algumas semanas mais tarde, e de uma maneira absolutamente fortuita, uma parte da joia roubada era descoberta dentro de uma pequena bolsa de seda perdida por uma senhora. A commoção despertada pela divulgação destes factos ainda era vivissima, quando um segundo crime, não menos sensacional, foi assignalado pela imprensa.

No rio Wartha, perto de Czenstochau, encontrou-se um sofá estofado, no qual fôra dissimulado o cadaver nú de um homem mutilado. Após laboriosissimas investigações, acabou-se por verificar que a victima era um tal Mazoch e que o criminoso não era outro senão o seu primo-irmão Damazy Mazoch, monge do convento de Czenstochau. Damazy, porém, desapparecera e só mais tarde a policia conseguiu prendel-o, em Cracovia. O miseravel fez uma confissão completa, declarando-se não sómente culpado do assassinato do seu parente, mas tambem do roubo da egreja de Czenstochau. E, a proposito de taes crimes, fez sobre o regimen interno do seu convento revelações das mais escandalosas.

O monge ladrão, sacrilego e assassino, segundo a sua propria confissão, travára, oito annos antes, intimas relações com uma das suas penitentes de nome Helena Malzow. Pouco a pouca essas relações se transformaram numa ligação culpada, da qual nasceu um menino. De resto, a disciplina do convento, nessa época, estava complétamente relaxada, passando-se no "santuario" orgias que o prior foi incapaz de reprimir, porque os monges, acostumados a uma vida de prazeres, ameaçavam-no de um escandalo sem nome, caso tentasse reagir, escandalo que, certo, provocaria o fechamento do convento e o sequestro dos thesouros ahi accumulados pela piedade de varias gerações de peregrinos.

Damazy gastou um dinheiro louco com a sua amante; depois, casou-a com o seu proprio primo e continuou a dominar na casa deste. Foi elle quem praticou o roubo sacrilego da corôa da virgem e foi o primo quem se encarregou da venda das pedras preciosas. A bolsa de seda encontrada com uma parte da corôa não era senão a de Helena Mazoch, que a perdera por occasião de uma viagem á Silesia.

Entretanto Mazozch (o marido), um pouco tarde, concebera escrupulos sobre o caracter do seu papel de esposo condescendente que, não contente de emprestar a mulher, se faz ladrão e cumplice do proprio homem que o deshonra. Foi impellido por esses escrupulos que, no dia 11 de junho de 1910, se apresentou em casa de Damazy, provavelmente para lhe apresentar um "ultimatum".

Não se sabe ainda, com certeza, o que se passou entre os dois homens. Segundo todas as probabilidades, porém, o monge, diante do perigo que o ameaçava, adoptou uma attitude hypocritamente conciliativa, embriagou o primo e, depois, armado de um machado, deu-lhe, durante o somno, um golpe formidavel na cabeça. E' o que se presume, pois o criminoso tem, neste ponto, hesitações em pintar toda a monstruosidade do seu acto.

Todavia, o que elle diz, positivamente, é que Mazoch, tendo um instante recuperado a consciencia, elle lhe deu a absolvição e, em seguida, o estrangulou.

Mas o cadaver do primo embaraçava terrivelmente o monge. Foi para do sinistro fardo se libertar que Damazy o cortou em pedaços, o escondeu no estufado do sofá e foi, durante a noite, graças á cumplicidade de outros dois monges, lançar o tragico movel no rio Wartha.

Helena Mazoch, que se achava ao corrente de tudo e que foi presa ao mesmo tempo que o seu amante, confirmou estas horriveis declarações; porém, pretende ter sido "enfeitiçada" pelo frade e nunca ter encontrado força bastante para se oppor aos seus projectos monstruosos.

Necessario se torna accrescentar ainda que, depois das confissões de Damazy, as autoridades deram uma busca no convento, chegando á convicção edificante de que o "santuario" era, ao mesmo tempo, um lupanar e uma caverna dos mais perversos bandidos.

O papa, por um legado especial, ordenou o fechamento do convento de Czenstochau e infligiu a Damazy a excommunhão maior, despojando-o do seu habito branco.

Diante do tribunal de Petrikow, no banco dos accusados, sentaram-se, além de Damazy Mazoch, sua amante — a formosa Helena — e os dois monges accusados de cumplicidade no assassinato do marido desta ultima. Mais de cem testemunhas foram intimadas para depor nesta causa celebre e os debates do sensacional processo durarão, segundo todas as provisões, de doze a quinze dias, no minimo.

Como facilmente se comprehende, a população polaca de Petrikow, cujos sentimentos religiosos tocam o fanatismo, mostrou-se e ainda se mostra commovidissima com as revelações escandalosas que desmoralizaram e provocaram o fechamento do "santuario". Isso é considerado pelos catholicos polacos como uma desgraça nacional irreparavel.

Em Petrikow e nos seus arredores foram feitas grandes demonstrações religiosas em signal de luto e "para applacar a colera do céu". Em signal de luto, egualmente as festividades do Carnaval foram este anno supprimidas, não tendo havido nem sequer os bailes "masqués", de que os polacos são tão apreciadores.

Cousa curiosa: a população se acha tão affectada com o escandalo, que considera do seu dever não assistir ao processo, e os proprios jornaes recusam-se a inserir a minima informação que a elle diga respeito.

Mesmo por conta dos jornaes extrangeiros, os traductores polacos recusam-se a assistir aos debates de Petrikow.

Mais curioso ainda: pela primeira vez na Polonia, um réo comparece diante dos seus juizes sem defensor, porque nenhum advogado quiz esposar a sua causa odiosa. E esse réo é o monge ladrão, sacrilego e assassino Damazy Mazoch.

D. T.

(Da *Tribuna* de Santos).)

Divulgai a "Lanterna".

De fiasco em fiasco

Edgard Leuenroth e Orestes Ristori foram impronunciados no processo do Orfanato.

Decididamente, os padres do Os anato já perderam a protecção celestial e, por isso, entraram em maré de caiporismo. A sua causa vai de fiasco em fiasco.

Após o fracasso da mystificação, veio o *veridictum* do Tribunal do Jury negando a existencia da fantastica Maria Luiza. E isto para não mencionarmos os desastres de menor importancia.

Mas o fiasco de agora é maior, muito mais berrante.

Como toda a gente sabe, os santos abandalhados do sacrario da infamia situado no Ypiranga moveram um processo contra Edgard Leuenroth e Oreste Ristori como autores de falsa imputação, calumnia e não sabemos que mais.

Os grandes safardanas contavam como certa a nossa condemnação. Para conseguir tal sagrado desiderato dispunham da bolsa recheiada duma fulana condessa qualquer e com o patrocinio do grande, do afamado jurisconsulto Dr. Coronel José Brasil Piedade.

Não escapariamos por forma alguma aos 30 annos de vilegiatura no casarão da Luz. A condemnação era esperada a todo o momento.

Pois tal não succedeu. Os padres gastaram os cobres da condessa inutilmente e o Coronel Doutor perdeu o seu latim.

O dr. Adolpho de Mello, julgando improcedente o processo, impronunciou Edgard Leuenroth e Orestes Ristori.

Para melhor orientar os nossos leitores, esperamos poder publicar no proximo numero, na sua integra, a sentença do dr. Adolpho de Mello,

Não podemos fechar esta noticia sem registar mais uma demonstração de independencia da imprensa diaria, que ainda não deu nem uma linha sobre esta sentença!

A caça ao dinheiro

Duas senhoras ricas exploradas por um padre e um irmão deste. — Pela morte do padre descobre-se tudo.

Parece-nos que o caso, por nós noticiado com estes titulos e succedido em Portugal, não é attenuado mas aggravado para os jesuitas pela seguinte defesa do irmão do padre. Vejam os leitores a jesuitica embrulhada:

Sr. director de *O Mundo*, — No jornal que v. proficientemente dirige, vem inserta no numero de hoje, sob as epigraphes acima, uma local cheia de inexatidões, em que se deprime a memoria de um morto e se ultraja a dignidade de um vivo. Foi a redacção do seu apreciado jornal enganada por quem ministrou as informações para a alludida local. Eu no entanto não posso, desde já, esclarecer toda a verdade dos factos, por isso que, tendo requerido a intervenção da justiça neste caso, viria porventura prejudicar a acção desta nas investigações a que se está procedendo. Comtudo, na minha qualidade de procurador do sr. Victor Alves de Souza e de sua mãi, julgo que impede sobre mim a obrigação de vir repelir já as insinuações que áquelle cavalheiro são feitas, tanto mais quanto é certo que o meu constituinte se encontra agora ausente em Santar e retido no leito por doença. Brevemente tudo se esclarecerá, porque tudo ha de vir a publico, devidamente pormenorizado e detalhado. Por hoje limitar-me-ei a relatar o seguinte, que é "rigorosamente" verdadeiro, em contraposição ás inexatidões mais flagrantes da local a que acima me refiro. Em 31 de janeiro ultimo, o padre Affonso Alves de Souza morria no hospital de S. José, para onde havia entrado na vespera, "deixando valores e dinheiro (aquelles ao portador) arrecadados num cofre" no Montepio Geral, onde uma das senhoras referidas na local, com quem de ha muito vivia, guardava tambem os seus haveres. Esta senhora e o padre tinham cada uma sua chave. Momentos depois do fallecimento do Affonso, apresentou-se na casa deste um padre italiano, *morador no quarto andar do mesmo predio*, com o pretexto de communicar áquella senhora o triste acontecimento e de lhe offerecer os seus serviços. O que entre os dois se passou, não sei eu. O que sei é que

momentos depois de uma conversa mais ou menos longa entre o italiano e a senhora em questão, era por aquelle aberta a gaveta de uma commoda de que "exclusivamente" se servia o fallecido Affonso, "cujas chaves estavam e ainda hoje estão no hospital S. José", mas que o italiano, como homem de faceis expedientes que parece ser, *promptamente substituiu por outras, que para esse fim fôra buscar a sua casa!*

O que sei é que os demais moveis e gavetas do fallecido foram tambem mexidas e remexidas pelo mesmo italiano, a quem a tal senhora D. Julia de Penagulão, no dia seguinte, "entregava a chave do cofre e uma autorização escripta" para que lhe fosse facultada a sua abertura, como se tudo aquillo fosse della! O que sei ainda é que, depois de ter ido ao cofre, o italiano entrou na casa do Affonso com um rolo de papeis, e, depois de ter tido uma conferencia, a sós, com D. Julia, foi á cozinha e, apresentando á criada muitos fragmentos de papeis, disse-lhe: "Aqui está o que o padre Affonso tinha no cofre; toma lá para accenderes o lume!" O que sei é que o italiano, depois disto, ia quasi diariamente ao Montepio, visitar o cofre, ignorando-se por emquanto o motivo de tão frequentes visitas! O que sei é que, chegado a Lisboa o meu constituinte, lhe foi dito por D. Julia que seu irmão nenhuns valores deixara, reclamando elle então, em nome da herdeira sua mãi, o espolio de seu irmão. Depois de muitas negativas por parte de D. Julia, esta, vendo a attitude do meu dito constituinte, aconselhou este a que fosse "entender-se com o italiano, pois que era elle quem tudo resolveria!" O que sei é que, no dia immediato, recebia o sr. Victor Alves de Souza 25 obrigações das aguas (coupon), dizendo-se-lhe que eram aquelles os unicos valores deixados pelo Affonso. O que sei é que, dias depois, como o meu constituinte ameaçasse levar o escuro caso para a policia, o italiano lhe fôra offerecer mais 12 obrigações, "comtanto que se não falasse mais no assumpto!" O que sei é que, "10 dias depois de se acercar de D. Julia e de se tornar seu conselheiro, seu administrador e não sei quê mais", o padre Luiz Lenna, pois que é este o nome por que dá o italiano, "obtinha da mesma D. Julia um testamento!" O que sei... Mas não posso, por emquanto, dizer mais nada. O resto virá brevemente e então se verá a audacia com que a seita negra, de batina e sem batina, trabalha, não já na sombra mas ás claras.

Não prejudiquemos a acção da justiça, que tem de apurar não só as responsabilidades do italiano como as de mais alguem. Agradecendo-lhe, sr. director, a inserção destas linhas, sou, de v. etc. — O procurador, *José Rebello de Pinho Ferreira* — Lisboa, 25 de fevereiro de 1912.

O mendigo do Vaticano

Um jornal romano publicou o orçamento do Vaticano:

Activo: Propriedades na Italia e no estrangeiro: 875.000 francos; acções e titulos de renda: 6 milhões de francos; presentes e donativos: 500 mil francos; óbolo de S. Pedro: 14 milhões! Total: 21.375.000 francos.

Despesas: Para a basilica de S. Pedro: 600 mil francos; para a bibliotheca e museu: 1.250 000; vencimentos dos cardeaes e dignitarios, 3 milhões 970 francos; soldo da guarda e do pessoal do Vaticano, 5.007.000 francos. Total dos gastos geraes: 9.940.000 francos.

Saldo activo: 11.435.000 francos.

Como se vê, é uma das melhores empresas commerciaes do mundo esta famosa «Sociedade para a exploração da superstição e tolices humanas». E tudo, como diz Guerra Junqueiro, começou com 30 dinheiros apenas! Admiravel exemplo de economia e boa administração!...

A festa de hoje

E' hoje que se realizará a festa promovida pelo Circulo de Estudos Sociaes Conquista do Porvir em beneficio da sua escola.

Será representado pelo Centro Filodramatico de S. Paulo o drama *La Morte Civile.*

Haverá tambem uma kesmesse, terminando a velada, que se realizara no Salão Germania, com um baile familiar.

Uma barbaridade

E' dever dos anticlericaes combater essa horda de hypocritas e embusteiros que são os caixeiros de Christo na terra, mas tambem é necessario que a imprensa livre não deixe de profligar e lançar suas vistas para os abusos que se dão na ordem civil, que nos reduz á condição de coisa.

Nesta sociedade em que vivemos todos concorremos para sustentar esse parasitismo que por ahi vemos e é para nos proteger que se organizam as instituições que se chamam de caridade official; no entanto, nessas instituições dão-se abusos de fazer tremer os corações bem formados. Os factos denunciados pelo jornal a *Noite* são desses.

Em um hospicio pago pelo povo para agazalhar os pobres desgraçados, muitos delles, victimas da degeneração dessa sociedade, são barbaramente maltratados, o que justifica este appello.

Pois é possivel que no XX seculo ainda tenhamos de assistir a crimes como os descriptos pelo jornal a *Noite*?

Seres humanos tratados a pauladas, murros, banhos quentes, para liquidar, devorados pelos ratos e na immundicie mais sordida? Isso faz tremer.

Tudo isso é devido a má organização social que nos avilta e nos colloca na situação de animaes irracionaes, porque se esses serviços fossem organizados em uma sociedade livre, onde não houvesse concorrencia, antagonismo, dinheiro, leis, regulamentos, não se dariam factos dessa ordem, porque só se dedicaria a esses e outros misteres quem tivesse vocação para ser humano, visto não esperar outros resultados senão a consciencia de ter cumprido o seu dever; porque se o homem adquirindo uma intelligencia que, auxiliada pela sciencia, não tivesse a certeza de que toda essa podridão havia de transformar-se, era o caso de toda humanidade suicidar-se antes de ter que ir parar em taes hospicios. O que nos consola é a esperança de que um dia tudo isso se transformará.

M. dos Santos.

Rio, 26 de março de 1912.

A IGREJA E A SCIENCIA

X

Nas considerações que, a contar do *artigo IV* desta serie, deixámos expostas, crêmos ter demonstrado, ainda que não tão bem como desejavamos, a incompatibilidade existente entre a sciencia e a religião, a razão e a fé. Julgavamos tambem que alguns rápidos commentarios ao que deixava-mos anteriormente explanado seriam sufficientes para fazer comprehender ao leitor, com mais clareza, a indole do nosso despretencioso trabalho; mas a vastidão da materia de que nos encarregamos tratar é tal que ainda, neste artigo e talvez no outro, não nos permitte reatar o nosso verdadeiro thema: *A Igreja e suas relações com a sciencia*, vendo-nos por isso obrigados a dizer mais algumas palavras a titulo de *considerações.*

∴

Desde a Revolução Franceza para cá estamos numa nova Era. Até essa época (1789), a Igreja foi omnipotente.

Durante 15 seculos (311-1789), ella dominou reis, imperadores, povos e sabios; ninguem podia, nos paizes catholicos, pensar, escrever ou publicar o que quer que fosse sem a sua prévia fiscalização. Os povos estavam sumidos no mais profundo embrutecimento, condição necessaria a todas as theocracias, sejam ellas politicas ou religiosas; até os proprios imperadores eram crassamente ignorantes, isto é, completamente analphabetos (1). No seculo XVI, porém, a tyrannia ecclesiastica tornou-se tão odiosa e insupportavel que do proprio seio da Igreja rebentou um horrivel schisma que por espaço de 2 seculos inundou a Europa de sangue. Este schisma, além de ter quebrado a fecticia unidade catholica, trouxe, como consequencia desse facto, a liberdade de exame, si bem que, nos paizes protestantes, bastante restringida (2). Mas, terminado elle, ou aparentemente acalmado, a intolerancia clerical, especialmente nos paizes catholicos, readquiriu tantos bicos, principalmente na França, que durante os seculos XVII e XVIII, as perseguições, roubos e matanças ordenadas pelo clero contra os protestantes foram tantas que até aos proprios catholicos causaram medo e horrorizaram (3).

Por sua vez, o protestantismo, uma vez organizado em corpo de doutrina com seus dogmas definidos, não é mais indulgente com a liberdade, a razão e a sciencia do que o catholicismo (4). Luthero aconselha aos principes que matem e trucidem anabaptistas (5); declara (textualmente) que «a razão é uma bella prostituta que escapa á acção da justiça, e a cujo rosto é preciso atirar lama afim de afeial-a» (6); affirma que «esse nescio (referindo-se a Copernico) quer deitar por terra toda a «sciencia sagrada», ensinando que é a terra que gira e não o sol. Mas a escriptura é bem terminante, porque diz-nos que Josué ordenou ao sol que parasse e não á terra» (7); finalmente, exhorta aos servos que sejam pacientes, resignados, humildes e submissos a seus senhores, «porque — diz elle — a igualdade é impossivel e a sociedade não póde existir sem senhores e escravos» (8).

As opiniões dos comparsas de Luthero, relativamente á liberdade, á razão e á sciencia, não são mais moderadas: todos elles são unanimes em declarar que a liberdade de pensamento conduz directamente á irreligião, á impiedade e á heresia. «Os livre-pensadores — diz o assassino de Servet — são libidinosos, depravados e libertinos, a quem é preciso applicar o cutello, isto é, decapitar» (9).

Miguel Servet, que lográra escapar á inquisição catholica refugiando-se em Genebra, foi encarcerado por Calvino, e depois de muitos mezes de prisão, durante a qual nem uma camisa lhe deram, foi queimado a fogo lento (10). Os seus *crimes* principaes consistiam em ter querido restituir o christianismo á sua simplicidade primitiva, e em ter traduzido e commentado a *Geographia* de Ptolomeu, onde pintava a Palestina como realmente é: um paiz arido e improductivo.

Os protestantes da Hollanda não eram mais *piedosos* para com livre-pensadores, catholicos ou racionalistas; os supplicios que lá applicavam a homens, mulheres ou crianças eram o cutello (decapitação), a immersão em agua quasi gelada, a forca e o fogo lento ou activo, e tudo isso em nome de Deus, de Christo, dos apostolos e dos Evangelhos.

José Martins.

(Continúa).

(1) Como Carlos Magno, que, não obstante ter sido um protector das letras, nem por isso sabia lêr.

(2) «Os protestantes proclamavam a liberdade de exame, mas exigiam que seus resultados se conformassem com a Biblia.» (E. Réclus, *El Hombre y la Tierra*, t. IV).

(3) Justo é registar aqui que por occasião da matança de protestantes em Pariz, em 1572, muitos catholicos, que ainda possuiam alguma coisa de humano, recusaram manchar as suas mãos no sangue daquellas victimas da ambição e do fanatismo. Entre elles citaremos Orthez, governador de Bayona, que á ordem de exterminio mandada pelo infame Carlos IX respondeu: «Majestade, communiquei vossas ordens á guarnição e nella encontrei bravos soldados, porém nenhum algoz.»

(4) Em 1871, a *Alliança Evangelica Protestante*, de Nova-York, lançou um anathema contra a sciencia moderna, «esse Satan disfarçado em anjo de luz!»

(5) E. Réclus, *Obra. cit.*, t. IV, ps. 367-8

(6) F. de Castilha, *Hist. das Perseg. Relig. na Europ.*, t. II.

(7) D. White, *Hist. das Luct. entre a Scienc. e a Theolog.* cap. III, p. 80.

(8) C. Cantú. *Hist. Univ.*, t. XIII, p. 389

(9) Quem quizer saber ao certo quem era Calvino e o que elle fez, que consulte as obras de A. Dide: *Miguel Servet y Calvino e El fin de las Religiones.*

(10) «Servet pediu a Calvino a esmola duma camisa, que lh'a recusou. Afinal, foi queimado vivo em nome duma religião que rejeitava a autoridade, e como se as chammas não bastassem, ultrajaram-lhe até a coragem com que vira avizinhar-se a morte.» (Cantú, XIII, 411).

A defesa do papa

O papa João XXIII, accusado no concilio de Constança de ter commettido incesto com a cunhada, responde:

"A minha desculpa está nos exemplos de Loth que tornou mães suas duas filhas, de Abrahão, que trocou a esposa por burros e carneiros, e de Ruben, que se serviu da mulher do pai; apesar disso, essas três pessoas foram tiradas dos infernos e conduzidas ao paraizo pelo proprio Jesus Chisto."

Accusado de homicidio, responde:

"Um papa tem o direito de mandar para o céu os que o incommodam".

Accusado de ter vendido a varias pessoas differentes os mesmos beneficios e tentado vender a cabeça de S. João Baptista por 50 mil florins de ouro, responde:

"E' perfeitamente exacto, mas não tive a impudencia de vender, como fizeram os bispos do concilio: aos padres o direito de manter amantes, e ás mulheres de maridos ausentes o de dormir com outros homens".

Accusado de heresia, responde:

"Mas os dois terços dos Santos Padres são hereticos em algum canon: S. Gregorio de Nyssa e S. Jeronymo negam a condemnação eterna; Lactancio, Tertulliano e Sto. Ireneu negam a immortalidade da alma; mais de cinco sextos dos bispos presentes no concilio de Niceia negam a divindade de Christo, e a propria oração dominical está inquinada de sete heresias; isso são imbecilidades catholicas cujo trafico em breve não renderá um ceitil".

Quando as comadres se zangam, as verdades são descobertas.

A "LANTERNA" NO INTERIOR

Em Villa Brodowski

Coisas do vigario — O padre Josué, vigario desta parochia, teve a ideia de adquirir ha dias um apparelho cinematographico do custo de 6$000, proporcionando á meninada de seu coração um espectaculo, para o qual, com o seu bom geito de especulador, recebia de cada um o tostão que tão difficilmente nesta idade se apanha; e, com o maior sangue frio, não se acanhava em dizer que o producto era para pagamento das velas gastas no referido brinquedo!

Com estes ensaios de successo, encasquetou-se-lhe na cachola que o cinema é uma mina e é por isso que vai montar um salão da moda, constando ter já conseguido obter o privilegio dos fretes gratuitos, isenção de impostos, auxilio, a que, como padre, tem direito.

Muito bem!

E' caso de se queixar ao bispo.

L. P.

A candidatura do padre Faustino

O reconhecimento no Congresso — Na estacada

O Congresso do Estado está reunido actualmente apurando a eleição para presidente da feitoria em que vivemos, realizada em 1.° de março p. passado, na qual nos apresentámos destemidamente defendendo a candidatura do integro, extraordinario, unico, sublime, virgem e martyr padre Faustino Consoni. Como todos os nossos leitores sabem, o nosso divino candidato, com o auxilio das graças celestes e com os votos dos anticlericaes, obteve maioria absoluta de votos. A sua candidatura vingou, apezar dos manejos em contrario dos adversarios perversos e sem escrupulos que não trepidaram em lançar mão da fraude, do suborno, de emfim que nos fizesse perder meios de victoria.

A luta foi tremenda, mas o valor, a intransigencia, o enthusiasmo dos nossos correligionarios pelo nosso santo candidato evidenciou-se flagrantemente, e dos seios intangiveis e veneraveis e puros — tão puros como o padre Faustino — sahiu a verdade do pleito, a vontade popular manifestou-se.

Cantámos hosannas. Entretanto, a perfidia dos nossos adversarios, que temem que a hombridade, a moral super-pinheiresca, a rectidão do caracter impolluto do padre Faustino lhes venham perturber as falcatruas governamentaes, não contentes com haverem enchido de vituperios o nome sem macula do nosso prestimoso candidato; não contentes com haverem de todos os modos vis combatido a sua candidatura, que viria salvar o nosso Estado do abysmo de degradação em que se despenha — procuram agora, no reconhecimento do Congresso, cercear-lhe a votação honesta e livre e justa que obteve dos seus innumeros admiradores. Infamia das infamias! Cumulo dos cumulos!

Nós aqui, porém, continuaremos na estacada em defesa daquelle que as urnas livres elegeram para o supremo posto de sacrificios que é a presidencia do Estado. Ali é o seu lugar, sómente ali na curul presidencial, dignamente ficará encarapitado esse que é a archangelica gloria do Orfanato sinistro do Ypiranga e do veneravel clero paulista; esse que é o homem mais puro do Estado, tão puro que nunca apertou (segundo o insophismavel testemunho do mavortico e ex-futuro deputado Piedade) a mão duma donzella. E é esse homem, esse super-homem, meus senhores, que se vê, por mal dos nossos peccados, esbulhado dos seus legitimos direitos sobre a cadeira em que se repotreia o sr. Albuquerque e em que, ferindo sagrados direitos, honrosamente conquistados, vai-se escarrapachar esse conselbeiro dr. que, embora seja adorador e amigo e protector de todos os santos padres existentes e por existirem, não merece, como o seu celeberrimo antagonista, a confiança céga dos piedosos catholicos, salientando-se dentre elles, na primeira fila, essas mentalidades magnas das letras, artes, sciencias policiescas e guerreiras e outras coisas — os exmos. e illmos. srs. Prado do Pinheiro e Brasil Piedade Baptista.

Os sagrados, os sacrosantos direitos do voto, que nos garante o pacto de 24 de fevereiro, não podem ser postergados como entendem os nossos adversarios sem escrupulos. Não senhores. A liberdade, o bem estar do povo em primeiro lugar! E é por isso que nós aqui continuamos na estacada, batendo-nos em prol do candidato que os politicantes desta terra esbulharam e agora tentam deprimir, comendo-lhe a votação, do candidato que é a suprema encarnação de todas as virtudes do... polo norte...

Vida operaria

1.° de maio

A data em que a classe trabalhadora universal costuma abandonar o trabalho para, em grandiosas manifestações, lançar o seu protesto contra a exploração de que é victima e patentear o seu esforço na luta por toda a parte encitada para a conquista de uma nova organização social na qual toda a humanidade tenha a possibilidade de viver feliz, gosando em communidade de todos o bem estar que na vida se possa conseguir; a data em que o povo trabalhador evidencia o seu direito á vida será tambem devidamente commemorada no Estado de S. Paulo.

O Centro Libertario de S. Paulo, em sua reunião de terça-feira passada, resolveu tomar a iniciativa de um grande comicio, que deverá ser realizado no dia 1.° em uma das praças publicas.

Com esse fim promove uma reunião, convocada por este boletim:

AOS GRUPOS LIBERTARIOS

Convidamos todos os adherentes do Centro Libertario de S. Paulo, assim como, tambem, todos os adherentes dos diversos grupos da capital, a tomar parte em uma reunião, que será realizada no largo da Sé, 5, no dia 15 do corrente, segunda-feira, ás 7 1|2 da noite.

Devido á grande importancia do assumpto a tratar, esperamos que ninguem faltará.

—

Em Jahú o Centro Operario commemorará a data de 1.° de maio, realizando, entre outros actos, um espectaculo de propaganda, no qual será representado o drama *O operario*; cantar-se-ão em coro os hymnos *Filhos do povo* e *Hymno dos trabalhadores* e falará um orador sobre a data.

No Amparo a Liga Operaria tambem não deixará passar despercebida a data em que a classe trabalhadora evidencia a sua força social.

O nosso companheiro Henrique Martins irá realizar uma palestra sobre a commemoração do dia.

EM BELE'M (PARA')

Já aqui tivemos occasião de noticiar que um nucleo de activos operarios estava trabalhando com actividade para a fundação de uma sociedade destinada a reunir a classe trabalhadora daquelle Estado do Norte. Por uma carta recebida ha pouco, sabemos que essa ideia vai ganhando terreno, já estando assente a fundação do Centro Syndicalista da Classe Trabalhadora do Pará.

Aos bons amigos Antonio da Costa Carvalho e Eduardo Guerra, que bastante se têm esforçado em favor da propaganda no Pará, enviamos as nossas felicitações, por vermos em bom caminho a sua excellente iniciativa.

EM SANTOS

Com a presença de regular numero de interessados, realizou-se no dia 7, á 1 hora da tarde, no salão nobre do Gremio Luiz Gama, uma reunião de operarios graphicos que se propõem fundar nesta cidade uma associação destinada a congregar a classe, para que unida e cohesa possa com maiores vantagens trabalhar em defesa dos seus interesses economicos e sociaes.

Ficou constituida provisoriamente a seguinte directoria:

Ismael Castro, presidente; Armando Ramos, 1.° secretario; José Pierre, 2.° secretario; Bernardino B. do Nascimento, thesoureiro; Antonio Pierre, procurador.

No proximo dia 21 será effectuada uma nova reunião, afim de serem discutidas as bases para a elaboração dos estatutos e eleita a directoria definitiva.

EM S. PAULO

OS ALFAIATES — A commissão de alfaiates que tomou o encargo de chamar a sua classe á organização, prosegue nos seus trabalhos animada pelo crescente apoio que vai tendo a sua iniciativa.

A reunião realizada no dia 31 de março p. p. com um bom numero de alfaiates, nomeou uma commissão para elaborar os estatutos da sociedade em formação.

Amanhã, domingo, realizar se á uma nova assembleia da classe na travessa da Sé, 11, sobrado, á 1 hora da tarde.

OS PEDREIROS — Não desanima o grupo de pedreiros que já ha algum tempo está trabalhando para a formação de uma sociedade dos pedreiros e serventes que trabalham por dia. As suas reuniões de propaganda continuam a ser realizadas todas as semanas, esperando-se dentro em breve ver constituida o gremio dessa classe.

Amanhã, domingo, terá lugar mais uma reunião á rua S. Domingos, 25, no bairro do Bexiga.

GREVE DE SAPATEIROS — Depois de alguns dias de resistencia compacta, terminou a greve dos operarios da fabrica de calçado Rocha, com plena satisfação das suas reclamações.

As suas reclamações consistiam no pedido de demissão do mestre da fabrica, que se tornara intoleravel pela maneira bratal com que tratava os trabalhadores e um pequeno augmento nos salarios das operarias.

Os proprietarios da fabrica negaram-se por alguns dias a attenderlos, mas, em vista da solidariedade existente entre os grevistas, não tiveram remedio senão demittir o pequeno czar e augmentar o salario ás operarias.

Pequenos écos

Folheto — Recebemos um exemplar do folheto em que o sr. professor José Carlos dos Santos imprimiu uma das conferencias por elle realizadas no Centro Republicano Portuguez e tachygraphada pelo dr. Pedro Lopes.

Agradecidos.

Nova directoria — Da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas recebemos uma circular communicando-nos que no dia 21 do mez p. findo foi empossado o seu corpo administrativo para o corrente anno.

Nascimento — Communica-nos o nosso correligionario Antonio do Couto Menezes Sobrinho, residente em Jahú, o nascimento, no dia 7 do corrente, de um seu filhinho, ao qual deu o nome de Demosthemes.

Ha-de ser mais um que não se infectará na pia baptismal e ao qual desejamos uma vida livre de preconceitos e cheia de venturas.

Commemoração — O Centro Espirita Celso Garcia enviou-nos um convite para assistirmos a commemoração realizada no dia 31 do mez findo.

Agradecidos.

Visitas — Distinguiram-nos com a sua visita á nossa tenda de trabalho os seguintes amigos: José Louzada, Zeferino Oliva, José Vidal e Domingos Alexandre, residentes em Santos; sr. Gabriel de Paula, da Commissão da Liga Operaria de Amparo, e Belizario de Souza e José Joaquim Alves, dois activos propagandistas da União dos Operarios Estivadores do Rio de Janeiro.

A todos os nossos agradecimentos.

Sessão solenne — Commemorando o 21.° anniversario de essa fundação, a Associação Auxiliadora União Internacional realiza amanhã uma sessão solenne no Salão Celso Garcia.

Agradecemos o convite com que fomos distinguidos.

Aos assignantes da Mogyana

Participamos aos assignantes da *Lanterna* residentes nas localidades servidas pela linha Mogyana que o nosso companheiro José Romero começou a cobrança por essa zona.

Estamos certos que os amigos das cidades mencionadas contribuirão promptamente com a importancia de suas assignaturas, esforçando-se tambem para ser augmentado o numero de assignantes do nosso jornal.

Os que, pelos seus afazeres difficilmente possam ser encontrados, prestar-nos-ão um obsequio deixando em casa a importancia devida, para evitar que o nosso companheiro perca tempo inutilmente.

A Eucharistia

Nos ultimos tempos deram-se alguns casos de envenenamento de padres pelas especies consagradas. E' pecha antiga. Segundo diz Vauchez *(La Terre)*, Clemente V envenenou o imperador Henrique VI por meio duma hostia.

Ora se no pão azymo, depois de consagrado, conforme o dogma da presença real, Deus está em corpo, sangue e alma, tão real e verdadeiramente como está nos altos ceus, segue se que nesses crimes de envenenamento Jesus Christo toma parte pessoalmente, que é elle o venenoso envenenador.

Ou não ha logica...

A "Lanterna" em Santa Catharina

Os abutres negros e seus adeptos — Da implantação da libertinagem, tão proficientemente administrada no sólo catharinense pelos abutres negros e pardos, já **brotam esplendidos rebentos, representados nos seus adeptos carolas que, com tão habeis exemplos de *moral*, por sua conta e risco, exercem o santo sacerdocio do adulterio.**

E' o caso de um bacharel carolissimo, juiz federal, — que tira o chapéo e se benze ao passar pela frente de uma igreja, que vive na igreja a rezar, que se confessa assiduamente, que maldiz os anti-clericaes e os jornaes que expõem á vista do povo as pustulentas consciencias da fradaria devassa, eivadas de crimes de estupros, defloramentos e adulterios; — na sua apparente pureza e castidade, só igualado ao *santo burro* do altar-mór da cathedral, estando temporariamente na cidade de S. José, fôra encontrado pelo marido da victima commettendo uma *leve e até admissivel falta*, acceita, admittida e glorificada pela Madre Santa, a qual nós, *calumniadores perversos* e acerrimos inimigos da Igreja, qualificamos de crime de adulterio!

O demo.

Santa Catharina, 4 — 4 — 912.

NUCLEOS DA VANGUARDA

EM S. PAULO

Centro Libertario — Este Centro reuniu-se na terça-feira passada com boa concorrencia de socios.

Foram approvadas diversas iniciativas tendentes a desenvolver a sua propaganda.

Foi deliberado prestar todo o seu concurso á grande agitação que se vai promover em S. Paulo contra a carestia das habitações e dos generos de primeira necessidade; promover uma manifestação publica no dia 1.º de maio; iniciar dentro em breve uma serie de reuniões de propaganda pelos suburbios da capital; editar logo que esteja traduzido o excellente folheto de Henrique Malatesta *Entre Camponezes*.

A commissão do Centro ficou tambem encarregada de tratar de conseguir para o mais breve tempo possivel um salão conveniente para a sua séde social.

EM S. CARLOS

A União dos Livres Pensadores de S. Carlos, a excellente agremiação ha poucos mezes ali fundada por dedicados combatentes da nossa causa, vem de conseguir mais um grande melhoramento com a installação de sua séde social, na qual mantém uma bibliotheca franqueada aos estudiosos.

Os jornaes de propaganda e grupos farão boa obra enviando-lhe um exemplar de suas publicações.

NA BAHIA

Na cidade de Amargosa, Bahia, foi fundado o Club Anticlerical Amargosense, com o fim de intensificar a propaganda contra a clericanalha que, escorraçada de outros paizes, está avassalando o Brasil de um extremo a outro.

Enviamos os nossos enthusiasticos applausos aos anticlericaes amargosenses, almejando que a sua iniciativa sirva de incentivo aos correligionarios de outras cidades daquelle Estado tão atacado pela peste vaticanesca.

EM CORITIBA

Circulo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer — Em Coritiba, Paraná, fundou-se com este titulo uma sociedade com o fim de diffundir o ideal de emancipação humana.

Entre outros meios de propaganda, o Circulo fundará uma bibliotheca, para a qual pede a todos os jornaes e grupos editores enviem as suas publicações, sendo-lhes pagas as despesas devidas.

E' a seguinte a sua direcção: Ambrosio Bertolini, rua Sete de Setembro, 26. — Coritiba — Paraná.

NA CIDADE DE PRATA

Nesta cidade do Triangulo Mineiro, segundo nos dizem, existe tambem, sob o nome de Liga Anticlerical de Prata, uma agremiação destinada á luta contra o clericalismo nefasto.

Oxalá possamos dentro em breve dar igual noticia de outras cidades onde o nosso elemento já é numeroso.

Bilhetes e recados

Campinas — R. D.: Infelizmente a noticia é verdadeira. Foi um excellente companheiro que perdemos. Fizemos a transferencia. Salud!

Rio — J. Rodrigues: Seguiram os 20 exemplares da *Greve de-ventres*. Foi modificado o endereço que indicaste. Saúde!

Limeira — A. B. O.: A expedição tem sido feita regularmente para todas as localidades. Remettemos os 3 ns. extraviados. Saudações.

Rio — J. N Pereira: E no entanto elle tem sido remettido pontualmente. Seguiram os ns. que não recebeu. Saudações.

Tamoyo — M. M.: Muito devem elles gostar do jornal... Mas, se continuam recommenda-los-emos ao padre Faustino... Não daria resultado uma reclamação feita ahi. O jornal tem ido para ambos. Saudações.

Baurú — A. G.: Transferimos o endereço. Saudações.

Florianopolis — C. E. de M: Recebemos os dois pacotes do *Clarão*. Está fazendo uma boa obra. Recebemos e publicaremos os 3 artigos. Saudações aos combatentes dahi.

Queluz — Seth Latour: Recebemos as diversas remessas de originaes. Pela segunda vez remettemos os ns. pedidos. Saudações.

Nichteroy — J. Martins: O artigo sairá no proximo numero. Mandaremos o jornal da forma que indicas. Saúde.

Monte Azul — F. Ramalho: Fizemos a transferencia do seu endereço. Saudações.

Páo d'Alho — J. Azevedo: Recebemos os 10$ de sua assignatura. Seguiram os folhetos e pacotes para a propaganda, que tanto é necessaria ahi. Saudações.

S. Paulo — J. C. da Fonseca: Já estamos remettendo o jornal para o endereço indicado. Saudações.

Poços de Caldas — A. Vizzotto: Recebemos por intermedio da *Battaglia* a importancia da assignatura do sr. M. La Pinto. Riscámos o endereço indicado e registámos o novo. Saudações.

Rio — Bernacha: Recebi do Reinoso o livro que tinha ido em duplicata. Saúde!

Rio — Adrecal: Pode ser entregue ao Astrogildo. Saudações aos camaradas.

Caldas Novas — O. C.: Publica-la-emos. Continúe a informar-nos sobre esse sagrados feitos. Saudações.

Belém — A. C. Carvalho: Concordamos com a proposta da venda. Já segue um pacote deste numero. Quantos exemplares devemos remetter? Poderás fornecer-lhes pelos 100 réis. Recebemos o pacote de jornaes. Agradecidos. Já mandámos as cedulas ao *grande* homem. O premio foi logo enviado. Sobre os folhetos já te deve ter respondido o Frigerio. O jornal citado não reappareceu. Saudações aos companheiros.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate)

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matera — V. Izabel.

Rua Mariz e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37

AGENCIA DE JORNAES, rua S. Caetano, 230.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 4.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5-A.

ENGRAXATE, Largo da Sé, 4.

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado. está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3$000 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2$500. Pelo correio, 3$000.

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E', não uma parodia, que poderia caír no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidares e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:

Um cento. . . . . 6$000

Avulso. . . . . . 200 réis

Os pedidos de folhetos acampanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.

El Diablo, por Roberto Robert

Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.

El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix.

Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.

Monita Secreta de los Jesuitas.

A Una Madre, por Ramon Chies.

La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.

Los Milagros, por Roberto Robert.

Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.

Viaje al Infierno, por José Nakens.

La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalez.

La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.

Sonetos Piadosos, por varios.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

Encontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da

Confederação Geral do Trabalho

10, BOULEVARD MAGENTA, PARIS — X

Ano	31 francos
6 mezes.	18.50
3 mezes.	9,25

O ARCHIVO DEMOCRATICO

Revista mensal e illustrada

Tem publicado 27 photographias em 24 por 30, primorosamente executadas num dos primeiros ateliers da Allemanha.

Eis, por ordem numerica, as photographias já publicadas de illustres democratas portuguezes e estrangeiros:

1 — Antonio José de Almeida; 2 — Bernardino Machado; 3 — Elias Garcia; 4 — Affonso Costa; 5 — Duarte Leite; 6 — Heliodoro Salgado; 7 — Alexandre Braga; 8 — Alves da Veiga; 9 — Sebastião Magalhães Lima; 10 — João de Menezes; 11 — Manuel de Arriaga; 12 — João Chagas; 13 — José Sampaio (Bruno); — 14 Theophilo Braga; 15 — Guerra Junqueiro; 16 — Consiglieri Pedroso; 17 — José Relvas; 18 — Botto-Machado; 19 — Lauro Sodré; 20 — Miguel Bombarda; 21 — França Borges; 22 — Francisco Ferrer; 23 — Alfredo de Magalhães; 24 — Hermes da Fonseca; 25 — Carlos Candido dos Reis; 26 — Antonio Luiz Gomes; 27 — Antonio Maria da Silva.

No prélo:

28 — Azevedo Gomes e 29 — Ladislau Parreira.

Assignaturas. — Podem principiar em qualquer numero ao preço de 3$600, por anno, para Portugal; Africa, 4$000 e Brazil, 4$800.

Estão á venda lindas capas em percalina ao preço de 500 rs.

O 1.º e 2.º volumes encadernados, custam 4$200 réis cada um, Africa 4$600 e Brazil 5$400.

Estão tambem á venda avulso photographias em brometo e platina.

Além dos numeros já publicados no «Archivo Democratico», as do dr. Eusebio Leão, Ministro da Guerra, Ministro da Marinha, Ministro do Fomento, Braamcamp Freire, Major Coelho, Marinha de Campos e muitos outros de mais evidencia no Partido Republicano.

Em tamanho de 24 por 30 ao preço de 300 réis.

Em tamanho de 50 por 60 ao preço de 1$200 réis.

Bilhetes postaes com os retratos de todos os deputados republicanos.

Editou o «Archivo Democratico» uma collecção de bilhetes postaes illustrados que vende ao preço de 40 réis com grandes descontos aos revendedores.

Pedidos á Administração, Rua Garrett, 36, 4.º-D. — LISBOA.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . .	$200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . .	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . .	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . .	2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi,	$800
Religião e Evolução, E. Haeckel .	1$500
Sociologia Fundamental, Benteo .	5$000
Dôr Universal, Faure	1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu*	$200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal*	$100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo*	$100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Almacco Libertario illustrado 1909	$300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine, .	$300
L'Esprit de Révolte " . . .	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
E'lisée Reclus, *Amon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne*	$200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . .	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . .	$300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme*	$300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlémentarisme contre l'Ation Ouvrière*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat* . .	$100
» » *La Morale Anarchiste* . . .	$200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage*	$200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale*	$100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics*	$100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien* . .	$100
Les temps Nouveaux, *Contre la Guerre*	$200

Só podemos attender os pedidos que venham aconpanhados da respectiva importancia.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmão.

Cataguazes, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1 — A.

Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4,

FIALHO DE ALMEIDA

PARA O SENHOR PADRE!

São commentadas ha muito, na minha aldeia, as antipathias dos dois padres que lá vivem — um pastoreando a freguezia, á sombra duma congrua pouco farta; vivendo o outro do vinho e mais do azeite que lhe produzem as terras que cultiva. Padre Carreira *o senhor parocho*, é uma pessoa robusta e já grisalha, sanguinea de pescoço, e toda frenetica por qualquer pequena contrariedade que lhe advenha. Sempre foi pobre, e nada enfronhado em subtilezas mysticas de beaterio.

Chama as coisas pelo seu nome, o que lhe tem valido alguns dissabores, por banda do senhor bispo; e come e bebe nas bodas, célere e desabusado, a ponto de parecer que guarda comida nos bolsos da rabona, tão lestos lhe desapparecem do prato os nacos que elle saca aos *ensopados*, com as suas grandes trinchadas pantagruelicas. O outro padre é Assumpção — padre Assumpção. *O senhor padre Assumpção...*

Noutro gosto, o mequetrefe. Novo ainda, e filho da terra e dumas tias que o educaram, o dom Bazilio tem sabido guardar, entre a rusticidade monteza dos parochianos, o seu effeminado escorço de menino do côro — e manso nas falas, muito doce ao contacto das mãos, é tal o seu aspeito de reserva e prudencia, que o madamismo do concelho todo vem, pela quaresma, diluir na consolação das suas predicas o remorso de quantos peccadilhos haja commettido, pequenos e grandes, pela volta do anno. Padre Assumpção não quiz parochia. E' quasi rico, tem cavallo e sobrecasaca, recebe jornaes de propaganda, e ao mencionar o sr. bispo, tira sempre o chapéu com grandes mostras de veneração. Acha, porém, que em padre Carreira fallecem requisitos de bom pastor, e faz-lhe a honra de o desprezar sem espalhafato, porém com uma tenacidade, que ainda ha de vir a ser causa do desterro do bom cura.

Ora deu-se um caso chibante entre estes bonzos, durante a desobriga da ultima quaresma. Ia a senhora Belisaria confessar-se ao Assumpção, sexta-feira das Dores, após uma noite de meditação e rosarios desfiados, quando ao virar a esquina das do Leonardo, caminho da igreja — Santo Elesbão rolheiro nos acuda! — subito deixa escapulir por entre as pregas da capa, não sei que adejo musico, ondulante, escoado assim como o miar dum gatinho novo, a quem se pisasse a cauda — mas aquillo tão doce, prolongado, esfusiante... Padre Assumpção chamar-lhe-ia reminiscencia de canção paradisiaca, se o escutasse! Entretanto, reminiscencia, reminiscencia... Um tal queixume, assim gothico e diaphano, que a bocca dum anjo articulára sem duvida, nas trazeiras da beata, e que mal podia comparar-se á sombra dum *mi* muito afunilado... um tal queixume logrou logo perturbar a penitente no mais unisono dos seus escrupulos: nem que fosse baforada do demo, destinando-se a putrefazer, na consciencia da devota, a atmosphera de candidez que lá servia de involucro á fé christã.

E Belisaria, rancorosa sempre contra quem lhe não sabia apreciar as devoções, esganiçou com azedume:

— Para o senhor padre Carreira. Chucha!

—

Mas ainda bem não tinha dito a injuria, já o coração lhe dava uma pancada contra o crime de religião que commettera.

Padre Carreira, embora fosse um porco-espinho insensivel ás delicadezas da exegése, pouco amoravel no trato do confessionario, e sempre chocarreiro para os escrupulos de consciencia, a que, não sabendo applicar remedio, fingia ligar pouca importancia; padre Carreira era, antes de tudo, um sacerdote, representante de Christo e da sua Igreja. Ui que terrivel peccado ella fizera, a pobre dona, á porta mesmo da casa do Senhor, e no solenne instante de comparecer, vestida de graça, perante o tribunal da penitencia! Lá teria de contar mais este crime. Mas com que palavras, com que razões, Senhor de misericordia! — com que desculpas explicaria ella um tal desregramento, ao senhor padre Assumpção, tão catita e afidalgado, e que rescendia a aguas de cheiro por todas as bandas do senhor seu corpo? Já de mãos postas promettia aos santos predilectos grandes sommas de padre-nossos, *glorias*, e outros acepipes catecismaes, se acaso padre Assumpção não perscrutasse demasiado a indole e proveniencia do mavioso queixume — inteiramente archaico — que se lhe escapulira, como disse, por entre as dobras do capindó.

A tremer de pavor chegou-se á teia, ajoelhou machinalmente diante do altar da Piedade, persignou-se, beijou a pedra da capella... *Santa Maria, mãi de Deus, rogai a Deus por nós, agora e na hora da nossa morte...* e as rezas feitas, deitou o rabo do olho para as bandas do confessionario, onde padre Assumpção devia de estar, em nome da paciencia divina, dando ensaboadelas de perdão na patifaria recondita das beatas. Eram mais de onze horas, e em breve as ultimas confessadas vieram enfileirar-se ao pé da mesa da communhão, mastigando corôas, com os narizes nas Horas, como uma rabanada de pêgas — calhando então a vez de Belisaria se ir ajoelhar aos pés do confessor.

Padre Assumpção estava massado. Confessou trinta e oito maganas, esse dia. Tinha a almoçar dois famulos do bispo, e homem do seculo (como elle proprio se chamava) não deixava de preferir ás abstinencias quaresmaes, tão idealmente catholicas nos outros, as bellas perdizes lardeadas de presunto e tubaras da Vera Cruz, que a Joanna devia de estar estufando a lume brando para regalo de Sua Senhoria e das visitas.

Em quanto a velha começava a dizer as orações, descia á frasqueira a ideia do hospitaleiro reverendo, a escolher entre o clarete, um certo almiscarado, leve e espumoso, de que se podiam beber toneis, sem prejuizo. E vai depois, abria uma garrafa, e outra, e outra, dando a provar aos famulos do bispo... — Boas perdizes, tenras, aloiradas! Duas tarraçadas de miolos com ovos, por cima. Fructas de calda, letria e doce, e para o cafésorio, senhores, uma aguardente de medronho, incomparavel!

Mas caíu em si, vendo a Belisaria á espera das perguntas.

— Diz muito bem. Vamos nós agora aos mandamentos.

E por qui fóra, começou o inquerito espiritual, sobre o amor de Deus, a mulher do proximo, a observancia da castidade e dos domingos, té a parlenda emfim chegar ao ponto critico em que a beata havia de dizer o terrivel peccado.

— Accuso-me de ter commettido um sacrilegio, senhor padre.

— A misericordia celeste é infinita, minha irmã.

— Vinha subindo as escadas da igreja, ha bocadinho, entro a rezar, e de repente...

— Uma pernita mais de perdiz, padre Calçado!

— Que diz v. senhoria?... Eu nem valor já tenho pr'a contar. Ai! grandes trabalhos se passam neste mundo!

— Ponha os olhos no céu, tornava o confessor, e pense que a bondade de Deus está provada pelo mesmo perdão concedido por elle aos algozes.

Lá se animou a velha a dizer tudo.

— ...vinha subindo as escadas, como disse, e de repente, um solfejo...

— Bellas, as tubaras! Ah, um solfejo... Musica da Vidigueira, que vem cá tocar á nossa festa.

— ...solfejo, que (nem eu sei como conte) desconfio me saíu das entranhas da barriga...

— ?!

— Ai, senhor padre! desabafou a pobre Belisaria em pranto afflicto. Solfejar não era nada, um som que passa.. se o demonio me não tem feito sair pela bocca outra blasphemia.

E gorgolejada a afflicção, a dona accrescentou:

— E' que eu disse em voz alta para o senhor...

— Olhe que a expulso, mulher!

— ...padre Carreira.

— Mas isso não é nenhum sacrilegio, minha irmã!

— E pequei mais.

— Sempre p'ró mesmo?

— Eu disse, chucha! E não é verdade que isto reforça...

— O som, não digo. O que póde é facilitar a absorpção. Espere ahi.

Foi á vestiaria, onde o padre Carreira estava dispondo o brodio para a musica da festa e o prégador, e tomando-o de parte, com os sigillos e precauções dignas do acto, pediu-lhe fosse acabar de ouvir uma alma christã, que ali estava no confessionario, á espera da graça, e que elle não pudéra escutar por escrupulos de consciencia...

— Escrupulos de consciencia! Não ponha mais. Ia apostar que é velha e feia.

(*Conclue no proximo numero*).